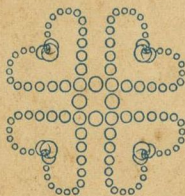
PAES BARRETO FILHO

(Do Instituto Geographico e Historico do Amazonas)

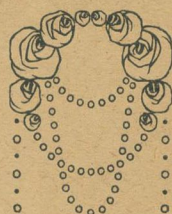
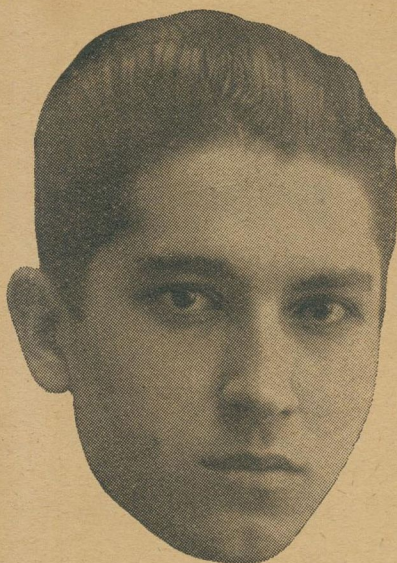
BRASILIDADE

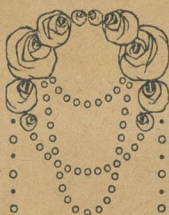
DISCURSO PROFERIDO, COMO ORADOR DA TURMA, NA SESSÃO SOLENNE DA CONGREGAÇÃO DO GYMNASIO AMAZONENSE, DE 12 DE JANEIRO DE 1925, PARA ENTREGA DOS CERTIFICADOS AOS BACHARELANDOS DE 1924.

MANÁOS

Paes Barretto Filho

BRASILIDADE

DISCURSO
proferido, como orador da Turma, na sessão
solenne da Congregação do Gymnasio
Amazonense, de 12 de Janeiro
de 1925, para entrega dos
Certificados aos Ba-
charelandos de
1924

MANÁOS

Premiado em sessão solemne da Congregação do gymnasio Amazonense, realizada em virtude do art.º 154 do Regulamento interno.

12/1/925.

DUAS PALAVRAS

▽

Convidado pelos collegas de turma para exprimir o sentir collectivo na memoravel sessão em que recebemos os certificados de nossa conclusão de curso gymnasial, pensei ter alli terminado a minha tarefa.

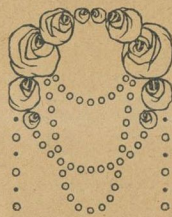
Eis, porem, que tres annos depois – quando já me acho cursando a Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de Manáos, tenho sido insistente, reiteradamente solicitado para consentir na publicação das despretenciosas palavras proferidas.

Querem os collegas conservar esta ultima lembrança estudantina pela sua recordação, não pelo seu valor que é nenhum.

Alinhavando, nas vesperas da solemnidade, o schema da minha oração, sem nem ao menos as preoccupações e o apoucado tempo me permittirem perder, como o insigne Stendhal, 60 minutos na collocação de cada adjectivo, ou levar, como o admiravel Balsac, horas inteiras para aformosear um periodo, – nunca a suppuz digna de ser enfeixada num folheto.

Pronunciado o discurso, não me era mais dado desattender esse pedido, désse, embora, direito aos que me lessem, de repetir com *Schiller: – J'ai vu les couronnes sacrés de la gloire – profanées sur une front vulgaire.*

A allocução proferida como *leader* dos meus companheiros do curso de humanidades, deixou de ser minha para pertencer aos que tão generosamente me delegaram aquelles poderes.

PAES BARRETO FILHO

NARRAVA uma formosa lenda oriental, inspirada na polychromia refulgente da mais arrebatadora phantasia que, — em longinquo recanto persa, recondita gruta jazia occulta nas profundezas de formidanda rocha. X

Ao mago som das cabalisticas palavras — abre-te Sesamo —, suas pesadas portas se abriam e se ostentava, então, todo um thesoiro da mais fina pedraria, em esplendida rutilancia.

Circumscripta na pavorosa gruta da treva, fechada pelas bronzeas portas da ignorancia, estava a mocidade deste templo de instrucção: — o Gymnasio.

A sciencia que vós, srs. professores, lhe ministrastes insinuando-se na sua consciencia collectiva, elaborou sentimentos novos, despertou energias latentes e, armando-a de estupendos instrumentos, alargou-lhe

X Assim é que o Saliguac começa os seus discursos. [illegible]

incommensuravelmente os páramos encantados a perlustrar.

Sob a empolgante actuação do alviçareiro incitamento dos seus esforçados mestres, num alentador *surge et ambula*, a juventude desta escola ergueu-se e evoluiu, cada vez mais empenhada em saciar a ansia incontida do saber.

Respeitaveis mestres:

« Mais sublime que a herança paterna
Que com o tempo fenéce e se evóla
Bem sabeis, é perenne e eterna
A riqueza auferida na escola.»

Vós, esperimentados guias desta mocidade, a prol da qual lutastes com denodo, encorajando-a, aprestando-a, orientando-a até a hora decisiva da victoria que hoje celebramos, haveis de permittir que em nome da turma final do anno de 1924 entôe, desvanecido, a canção do seu vivo reconhecimento.

Eramos a planta fragil que a briza leva do hastil; fostes o tronco forte que nos amparou.

Dissestes com toda abundancia do vosso coração bom e generoso, como fez o eloquente orador CARLOS XAVIER, que nós, prestes a partir para as novas conquistas, quaes outros argonautas, em busca do Tosão de ouro, não iriamos alcançar a terra da Promissão, a Chanaan dos nossos desejos; a suave estrada de aprazivel sombra, surprehendente espectativa, matisada de flores perfumosas e onde, a cada passo, encontrariamos alvinitentes petalas de rosas olentes; que aos nossos ouvidos não soaria sempre um hymno harmo-

nico de esperanças; que os sonhos sublimes que nos embalam a mente, rosal aberto em flores de alvorada, se não converteriam sempre em doce realidade; que a provisão de conhecimentos adquiridos necessitava de ser augmentada, porquanto só assim nos garantiria o successo.

Não, mestres! Fostes sinceros não escondendo as amarguras da vida, preferindo seguir o conselho de EMILIO FAGUET: « é preciso introduzir as folhas do outono no jardim da mocidade, para que se não extremeça de angustia, quando o inverno chegar e se mostrar por toda a parte. »

E, para vencermos nesta formidavel *struggle for-life*, precisamos estudar.

A CONQUISTA DO SABER

Sem instrucção, no substancioso conceito de PROUDHON, não ha democracia. E necessitamos prestar o nosso concurso para a estabilidade dos alicerces da soberania popular sem comtudo se exigir que cada cidadão seja um novo Fausto de Gœthe, devorado pela sede do saber.

Já disse MONTESQUIEU ser a instrucção o principio vital no regimen popular. E é por isso que HORACE MANN, o grande civilisador de Boston, negava o titulo de estadista a quem não tivesse trabalhado pelo progresso do ensino popular.

Quando já nos achamos prestes a transpor, pela ultima vez, os humbraes desta casa de ensino, formulemos um voto de indefesso devotamento ao estudo.

E agora que nos envolve, em mirifico deslumbramento, na vida pratica que nos espera, — a complexa maquinaria do seculo vigente, exhuberante de fecunda emulação, de alentadores estimulos, fazemos a nossa brilhante divisa de SEPTIMO SEVERO: — *Laboremus*...

O homem moderno mede-se pelo seu capital intellectual: os seus amphitheatros e as suas justas não são mais a Olympia do braço, mas sim a Athenas da cabeça.

O livro, a penna, o telescopio, o bisturi, a bussola, o pincel, o martello, o escopro, o buril são as expressivas manifestações do progresso, da civilisação, a que attingiu o homem hodierno.

Essa vitalidade immensa que circumvolve as actuaes gerações não póde deixar de sentir-se vivamente poderosa no coração da mocidade. Ella que outrora freneticamente batia palmas aos gladiadores gregos, que em Roma cantou a sublime epopéa do monte sagrado, com as lagrimas doridas da democracia, saudou a Cicero, a Cezar e a Pompeu; ella que derramou seu sangue generoso nas cruzadas á Terra Santa; que soltou o supremo brado de repudio á tyrannia, sorrindo nas estrophes de Dante, nos quadros de Miguel Angelo, saudando a Renascença; ella que assentou as bases de um novo regimen moral-social, para garantir os direitos da democracia; ella, — a mocidade sonhadora das escolas, ardente, generosa, — vive, palpita, estuante de fé e de esperança, embalada na volata suave de um sonho doirado: — o da conquista do saber!

Como é doce sonhar tão bello sonho...

O philosopho, tanta vez acoimado de voltaireano, esse assombroso ANATOLE FRANCE, affirmou, peremptoriamente, no prefacio das *Noces Corinthiennes* que «emquanto o homem se amamentar com o leite da mulher, ha de ser consagrado em qualquer templo e iniciado em qualquer divino mysterio. O homem ha de sempre sonhar. E que importa que o sonho seja inattingivel, se for bello? Não consiste o destino dos homens no embevecimento, numa illusão perpetua? E não será a illusão a propria essencia da vida?»

HORA DE SAUDADE

Forçoso é nos separarmos. Dispersemo-nos, entretanto, levando como lábaro

> « O livro este audaz guerreiro
> Que conquista o mundo inteiro
> Sem nunca ter Waterloo. »

Partiremos com os corações alanceados de saudade, a palmilhar a tortuosa estrada da existencia, em busca de um incerto porvir; mas, em nossos corações tereis sempre um throno, onde reinareis cercados da aureola da nossa gratidão.

Collegas. A' vossa generosidade fidalga, devo o mandato que me conferiu poderes para interpretar os nossos sentimentos, nesta solemnidade em que nos são entregues os certificados de conclusão do curso.

Das honras que nos são concedidas, as que mais nos dulcificam o coração e retemperam o animo para as lutas, são aquellas que nos envolvem com a munificencia de um premio inesperado, ainda que no tribunal

silente e austero da consciencia, o merecimento se nos afigure longamente inferior á recompensa.

A minha palavra não tem a vivacidade, o colorido apropriado á expansão incoercivel das emoções candentes, que em momentos como este, devem explodir em lavas da mais fulgida eloquencia.

Como um dos mais celebres Doges da Veneza sublime, eu repetirei nesta solemnidade: — « o que mais admiração me causa é estar eu aqui. »

Mas, assim não o comprehendestes: — aqui me tendes, em obediencia a vossa ordem, esperando sereis benevolos no julgamento como fostes generosos na selecção.

Dirijo-me agora, encantadoras collegas, a vós que com o dulçor que vos é peculiar nos tornastes agradavel esta arida vida collegial.

« Oh musas que inspirastes doces carmes
A Camões e Petrarca, a Tasso e Dante. »

A vós, o nosso preito de grata admiração.

E nós, — minhas graciosas collegas e meus caros collegas, — antes de nos separarmos, para talvez, (quem sabe?) nunca mais nos encontrarmos, gravemos bem nitidamente na retina da nossa visão juvenil, esse « adeus » com que tão saudosamente nos despedimos ao deixar este Gymnasio, onde floriu a quadra mais risonha da nossa existencia.

PELA NACIONALIDADE

Com um só affecto num só coração façamos, todos nós, vibrar, unisonos, os nossos corações num unico *desideratum* — o de esforçamo-nos congregando

os nossos melhores anhelos para collimar um Brasil poderoso, vitalisado, masculo que imponha a soberania portentosa do seu valor, da sua hegemonia no grandioso concerto das nações!

Desperta, na linda manhã americana, uma raça forte, caldeada no cadinho ardente da civilisação!

Essa raça forte, essa raça mestiça, tisnada pelo revigorador raio solar é a grande nação brasileira!

Juremos, assim, tudo envidar para a efficiente consecução da meta visada. E' uma homenagem que lhe prestamos, nesta hora febril, de fermentação social que atravessamos. E para isso nacionalisemos o nosso povo, batalhando para a caracterisação desse sentimento civico.

Mantenhamos, com entranhado affinco, com todas as forças de nossas almas ardentes de moços e de patriotas, esse vehemente, desprendido e santo amor a esta nossa extremecida Patria.

Accorrendo ao encontro do impressionante incitamento nacionalista de Waldemar Ferreira cultuemos os nossos heroes, admiremos os nossos grandes homens; apuremos o trato da nossa doce lingua portugueza; cantemos com os nossos poetas, emocionemo-nos com as paginas musicaes dos nossos compositores; pois, na politica, na diplomacia, em todas as provincias do conhecimento humano demonstrámos sempre uma grande cultura e uma grande superioridade intellectual, hontem, como hoje.

A nossa historia é brilhante, cheia de feitos empolgantes desde a occupação da terra até a sua defesa dos

piratas e dos conquistadores. Simples colonia, aberta á cobiça dos povos fortes, inteiramente desguarnecida, defendeu-se heroicamente e expulsou o extrangeiro ousado, lutando desassombradamente, ininterruptamente, annos a fio. Quebrou, por fim, os laços de dependencia da velha metropole, constituindo-se em nacionalidade una e forte.

Procuremos escoimal-a das insidias do desnacionalisamento decorrente da crescente immigração, neste cyclone avassalante que nos envolve em rodopios vertiginosos. Formando ao lado do notavel escriptor CARLOS XAVIER transformemos o bairrismo em nacionalismo, infundindo respeito pelo nosso, plasticisando a nossa personalidade ethnica, politica e literaria.

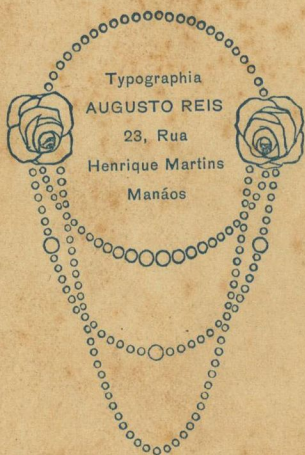
E, nesse gravitar perenne da vida, em que tudo vae de vencida, em que as religiões são envoltas pelo negro véo da duvida e a crença é substituida pelo scepticismo — um sentimento nós precisamos que atravesse incolume através das metamorphoses sociaes e politicas, por que passa a humanidade: — é o patriotismo. E, somente os povos que o tiverem escaparão da torrente impetuosa.

Patria! Concepção magica de difficil definição... Não resistimos á transcripção da noção exacta que nos dá, não o sociologo nem o philosopho, mas o inspirado vate italiano PEDRO METASTASIO, na sua admiravel tragedia *Attilio Régulo*.

« La patria é un tutto.
Di cui siam parti. Al cittadino é fallo
Considerar se stesso
Separato da lei. L'utile, o il danno
Ch' ei conoscer dee solo, è ció che giova
O nuoce alla sua Patria, a cui di tutto
E' debitor. Quando i sudori e il sangue
Sparge per lei, nulla del proprio ei dona :
Rende sol ció che n'ebbe. Essa il produsse,
L'educa, lo nutri ; con le sue leggi
Dagli insulti domestici il defende,
Dagli sterni con l'arme. Essa gli presta
Nome, grado ed onor ; ne premia il merto ;
Ne vendica le offese ; e, madre amante,
A fabricar s'affanna
La sua felicità, per quanto lice
Al destin dei mortali esser felice.
Han tanti doni, è vero,
Il peso lor. Chi ne recusa il peso,
Rinuncia al benefizio ; à far si vada
D'inospite foreste
Mendico abitatore ; e là, di poche
Misere gliande e d'un covil contento,
Viva libero e solo à suo talento. »

Realmente a Patria é um todo de que somos parte; é a mãe carinhosa que nos liberalisa nome, gráo, honra e felicidade.

Lidemos pelo seu engrandecimento com toda a abundancia do nosso coração, para que, cada um de nós possa, com ufania, parodiando aquella celebre phrase romana, proclamar altivamente:

Civis brasiliensis sum!

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura